

As literatas, carta à Eduarda, de Rosalía de Castro: uma tradução¹Maria Fernanda Garbero²

Resumo: O presente trabalho é uma tradução do artigo “Las literatas, carta a Eduarda”, publicado em 1865 no *Almanaque de Galicia para uso de la juventud elegante y de buen tono*, em língua espanhola, pela escritora Rosalía de Castro (1837-1885). Considerada como uma das fundadoras da literatura galega, ao lado de Eduardo Pondal e Manuel Curros Enríquez, Rosalía de Castro escreveu poemas, romances e artigos para jornais. Neste texto ora traduzido ao português, temos, por meio da estratégia ficcional da escrita epistolar, um importante material no que diz respeito à falta de reconhecimento das mulheres na literatura. Com um tom irônico que nos permite alcançar a voz indignada e contundente da autora, vemos o panorama literário da Galícia do século XIX; espacialidade à qual Rosalía se dirige, numa espécie de microcosmo, para problematizar uma sociedade fortemente patriarcal, que se amplia para além das fronteiras de sua terra.

Palavras-chave: Rosalía de Castro; Literatura galega; Tradução; Crítica literária feminista.

As literatas, carta à Eduarda³

“Minha querida Eduarda: serei muito cruel ao começar esta carta te dizendo que a tua me deixou triste e mal-humorada? Parecerei com inveja dos teus talentos, ou brutalmente franca, ao me atrever a te despir, sem rodeios nem compaixão, dessas caras ilusões que acaricias com tanto fervor? Mas tu sabes quem sou, conheces intimamente os meus sentimentos, os afetos do meu coração, e eu posso falar contigo.

¹ Rosalía de Castro (1837-1885) foi uma escritora e poeta galega, considerada uma das fundadoras da literatura galega moderna. Nascida em Santiago de Compostela, da relação entre sua mãe biológica e um sacerdote local e registrada como “filha de pais desconhecidos”, sua bastardia foi um aspecto significativo de sua vida, marcando sua perspectiva sobre questões sociais e de gênero. Em 1858, casou-se com o escritor e historiador Manuel Murguía, com quem teve sete filhos. Ela se destacou por sua escrita poética e ensaística, abordando temas como a identidade, o papel da mulher na sociedade e a luta contra a opressão. Seu trabalho, que inclui obras como *Cantares Galegos* (1863), cuja data de publicação, 17 de maio, desde 1963, marca o “Dia das Letras Galegas”, e *Follas Novas* (1880), foi fundamental para a revitalização da literatura galega no século XIX, consolidando sua posição como uma voz crítica e inovadora. Através de sua obra, Rosalía de Castro não apenas contribuiu para a literatura, mas também se tornou um símbolo da luta pela igualdade e reconhecimento das mulheres em um contexto patriarcal.

² Professora Associada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com pós-doutoramento em Poéticas da Tradução pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestra em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduada em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5297-0936>. E-mail: nandagarbero@gmail.com.

³ Texto publicado em 1865, no *Almanaque de Galicia para uso de la juventud elegante y de buen tono, dedicado á todas las bellas hijas del pais*, na cidade de Lugo, Imprenta de Soto Freire, Editor. A versão utilizada para esta tradução consta nos arquivos digitais do *Consello da Cultura Galega*, disponível em https://culturagalega.gal/album/docs/doc_16_literatas.pdf, consultada em 25 de julho de 2024.

Não, mil vezes não, Eduarda; afasta essa fatal tentação, não publiques nada e guarda só para ti os teus versos e tua prosa, teus romances e teus dramas: que isso seja um segredo entre o céu, mim e tu. Não vês que o mundo está cheio dessas coisas? Todos escrevem, sobre tudo. As musas estão à solta. Há mais livros que grãos de areia no mar, mais gênios que estrelas no céu e mais críticos que ervas no campo. Muitos fizeram disso um ofício; recebem por isso louvores da pátria e, embora o façam da pior maneira possível, continuam entusiasmados, rindo, tolos felizes dos outros tolos, enquanto os demais riem deles. Como uma praga devastadora, críticos e escritores invadiram a terra e a devoram como podem. Que falta fazemos, então, tu e eu nesse tumulto devastador? Nenhuma, e o que sobra sempre está demais. Dirás que trato deste assunto como falo do casamento, que maldizemos depois de casadas; mas posso te assegurar, minha amiga, que se o casamento é para nós quase uma necessidade imposta pela sociedade e pela própria natureza, as musas são um estorvo e nada mais. Em contrapartida, elas merecem que alguém as ame? Não se tornaram, por acaso, tão ordinárias e plebeias que atendem ao primeiro que as invoca, até o mais desmiolado? Julgue pelo que vou te contar.

Há algum tempo, o barbeiro do meu marido veio aqui todo sério e orgulhoso. Ao tropeçar na entrada com a cozinheira, ele lhe estendeu a mão e a cumprimentou com a maior cortesia, dizendo: ‘Aos seus pés, Maria, como vai de saúde?’ ‘Vou indo’, respondeu ela risonha, ‘e o senhor, Guanito?’⁴ ‘Bem, obrigado, às suas ordens.’ ‘Como é fino, amigo! — acrescentou ela, toda boba, porque o tal barbeiro lhe deu um aperto de mãos e se colocou a seus pés — Dá para ver que esteve nas ruas de Havana! Por aqui, os rapazes mal sabem dizer bom dia.’

– Como se vê que vens daquela terra! – exclamei para mim. Tu sabes bem, Eduarda, qual é aquela terra... aquela feliz província onde todos, todos (acredito que até as aranhas) descendem diretamente de uma antiga, engenhosa e artística raça que deu ao mundo lições de arte e sabedoria.

– Por que não veio antes? – perguntou meu marido, meio sério. Não sabia que o esperava desde as dez?

– Cada um tem seus compromissos – respondeu o barbeiro, com tom altivo e brincando com a bengala – Tinha que terminar meu livro, que já era hora, e levá-lo à gráfica.

⁴ Nota da tradutora: É possível que se trate do nome “Juanito”. Neste caso, teríamos um exemplo do fenômeno fonético da língua galega denominado como “gueada” ou “contra-gheada”. Se trata de uma hipercorreção, decorrente da evitação de um fenômeno comum em algumas variedades de galego popular e que era fortemente estigmatizado, consistente na pronúncia aspirada do fonema /g/. Neste caso, a contra-gheada seria utilizada num nome espanhol.

– Que livro? – perguntou meu marido, espantado.

– Um romance moral, instrutivo e científico que acabo de escrever, no qual demonstro claramente que o ofício de barbeiro é o mais interessante entre todos os ofícios chamados mecânicos, e deve ser elevado ao grau de profissão honrosa, titulada e, além disso, transcendente.

Meu marido, então, se levantou da cadeira em que estava para ser barbeado e, pegando algumas moedas, entregou ao barbeiro, dizendo:

– Homem que faz tais obras não é digno de barbear meu rosto – e saiu rindo alto; mas eu não. Irritada contra os tolos e as musas, abri minha gaveta e rasguei tudo o que tinha escrito ali, e com isso, na verdade, não se perdeu nada.

Porque o mundo é assim, Eduarda: pegará o livro, ou melhor, o aborto desse barbeiro, a quem Deus fez mais idiota que uma marmota, e ousará compará-lo com um romance de George Sand. ‘Eu já li muitas obras preciosas — me disse certa vez um jovem que se considerava instruído — *O charco do diabo* e o *Mauprat*; mas, sobretudo, *O charco do diabo*⁵ me deixou feliz.’ — Eu acredito — respondi e mudei de assunto.

Isso é insuportável para quem tem algum orgulho literário e certo sentimento de poesia no coração; mas, sobretudo, minha amiga, tu não sabes o que é ser escritora. Ser como George Sand vale alguma coisa; porém, de outro jeito, que tormento constante! Nas ruas, te apontam sempre, e não para o bem, e em todo lado cochicham sobre ti. Se vais a uma tertúlia e fala de algo que sabes, se falas com um linguajar mais formal, te chamam de pedante, dizem que ouve a ti mesma, que queres saber de tudo. Se guardas uma reserva prudente, ‘que pedante!’, ‘que orgulhosa!’; a que despreza falar com os não-literatos. Se és modesta e, para evitar discussões vãs, deixas passar despercebidas as questões com que te provocam, ‘onde está o teu talento’? Nem sequer sabes entreter as pessoas com uma conversa agradável. Se gostas da sociedade, queres aparecer, queres ser assunto, és um ‘arroz de festa’! Se vives mais afastada das pessoas, é porque queres parecer interessante, estás louca, tua personalidade é peculiar e insuportável, passando o dia em delírios poéticos e a noite contemplando as estrelas, como Dom Quixote. As mulheres expõem o âmago de seus defeitos e os homens não param nunca de te dizer que ‘uma

⁵ Nota da tradutora: George Sand é o pseudônimo da escritora Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa de Dudevant (1804 - 1876), considerada um dos maiores nomes da literatura francesa. No texto da língua de partida, Rosalía de Castro cita os romances *La Mare au Diable* (1846) e *Mauprat* (1837), referenciando-os, respectivamente, como *Las tardes de la granja* e *Manfredo de Byron*. Nesta tradução, optamos pelo uso dos títulos em português.

mulher talentosa é uma verdadeira calamidade, que é melhor se casar com a jumenta de Balaão⁶, e que só uma tonta pode fazer a felicidade de um mortal’.

Os que escrevem e se consideram engraçados, principalmente, nunca deixam passar a oportunidade de te dizer que as mulheres devem deixar a escrita e passar as meias de seus maridos, se os tiverem, e, se não, que passem as do criado. Fácil seria para algumas abrir o armário e lhes mostrar, bem diante do nariz, os remendos pacientemente feitos, para provar que escrever algumas páginas não as faz esquecer de suas tarefas domésticas, acrescentando que os que assim murmuram se esquecem, em troca, de que nasceram só para comer o pão de cada dia e viver como parasitas.

Mas o caso, Eduarda, é que os homens olham para as escritoras pior do que olhariam para o diabo, e esse é um novo obstáculo que deves temer, pois te falta dote. Só alguém verdadeiramente talentoso poderia, te estimando pelo que vales, desprezar tais bobagens e equivocadas preocupações; porém... aí de ti então! Nada que escreves é teu, acabou a tua aura, teu marido é quem escreve e, tu, a que assina.

Eu, que sem dúvida algum gênio do mal quis levar pelo perverso caminho das musas, conheço bem o caminho que percorremos nessa peregrinação. No que me diz respeito, é dito correntemente que meu marido trabalha sem cessar para me tornar imortal. Versos, prosa, bom ou ruim, é tudo dele; mas, sobretudo, o que lhes parece menos ruim, e nisso não há poeta amador nem homem sensato que não afirme. E, assim, atribuem pecados que ele não cometeu! Penosa tarefa a do meu marido que, sendo difícil para ele escrever para si mesmo (pois a maioria dos poetas é preguiçosa), ainda tem que fazer os livros da sua esposa, sem dúvida com o objetivo de que digam que tem uma esposa poetisa (esta palavra já chegou a me ferir) ou romancista, o pior que uma mulher pode ser hoje.

Pensando bem, isso é um tanto absurdo, e até contraditório ao bom gosto e à delicadeza de um homem e de uma mulher que não sejam absolutamente tontos... No entanto, como acreditar que ela possa escrever tais coisas? Uma mulher que veem todos os dias, que conhecem desde sempre, que ouviram falar, e não em andaluz⁷, e, sim, simples e comum como qualquer

⁶ Nota da tradutora: A “jumenta de Balaão” é uma referência bíblica que aparece no livro de Números, no Antigo Testamento. A história relata como o profeta Balaão recebeu as ordens de amaldiçoar os israelitas, mas sua jumenta, ao perceber a presença de um anjo no caminho, se recusou a andar. Irritado, Balaão bateu na jumenta, e Deus faz com que ela falasse, questionando o motivo das surras. A narrativa é frequentemente interpretada como uma lição sobre a obediência.

⁷ Nota da tradutora: Aqui, a referência ao castelhano da Andaluzia ilustra certa representação de uma fala distante e, em certa medida, rebuscada ou pouco sincera.

um, pode discorrer e escrever coisas que eles nunca imaginaram, e isso que estudaram e sabem filosofia, leis, retórica e poética etc.? Impossível; não dá para acreditar, só se Deus viesse para dizer isso. Se ao menos tivesse nascido na França ou em Madri! Mas, aqui?... Oh!...

Tudo isso, que em geral pouco me importa, Eduarda, há vezes, no entanto, que me ofende e fere meu amor-próprio, e aqui está mais um tormento que deves acrescentar aos já mencionados.

Mas não penses que o mal para por aí, pois uma poetisa ou escritora não pode viver humanamente em paz sobre a terra, posto que, além das agitações de seu espírito, há as que levantam sobre si aqueles que a rodeiam.

Se tu te casas com um homem vulgar, mesmo que seja ele que te atormente e oprima dia e noite, sem te deixar sequer respirar, és, para o mundo, a controladora, a mandona; o que ele fala por aí é a tua lição de casa, e nem se atreve a levantar os olhos por medo das tuas reprimendas. Tudo isso que acaba por menosprezar teu marido, não tem como não te ferir mortalmente, se tens sentimentos e dignidade, porque o dever principal de uma mulher é cuidar que a honra e a dignidade do marido brilhem o mais alto possível. Toda mácula a ele destinada, mancha a ti e a teus filhos: ele é o pilar em que te apoias; não pode estremecer sem que tu estremeças, nem ser derrubado sem que te leve à ruína.

Está aqui, nesse rápido esboço de letras grandes, a vida de uma mulher literata. Lê e reflete; espero ansiosamente pela tua resposta.

Da amiga, Nicanora”.

Andando um dia pelos arredores da cidade, encontrei uma bolsinha com esta carta. Parecendo interessante, não por seu valor literário, mas pela intenção com que tinha sido escrita, decidi publicá-la. Que me perdoe a autora desconhecida tal liberdade, em razão da analogia que existe entre nossos sentimentos.

Rosalía Castro de Murguía

Referências

CASTRO, R. de. Las literatas, carta a Eduarda. *Almanaque de Galicia para uso de la juventud elegante y de buen tono*, Lugo, p. 56-58, 1865. Disponível em: https://culturagalega.gal/album/docs/doc_16_literatas.pdf. Acesso em: 2 out. 2024.

Las literatas, carta a Eduarda, by Rosalía de Castro: a translation

Abstract: This work is a translation of the article “Las literatas, carta a Eduarda” published in 1866 in the *Almanaque de Galicia para uso de la juventud elegante y de buen tono*, in Spanish, by the writer Rosalía de Castro (1837-1885). Considered one of the founders of Galician literature, alongside Eduardo Pondal and Manuel Curros Enríquez, Rosalía de Castro wrote poems, novels, and articles for newspapers. In this text, now translated into Portuguese, we find, through the fictional strategy of epistolary writing, an important material regarding the lack of recognition of women in literature. With an ironic tone that allows us to grasp the author's indignant and forceful voice, we see the literary landscape of 19th-century Galicia; a space to which Rosalía addresses, in a kind of microcosm, to question a strongly patriarchal society that extends beyond the borders of her land

Keywords: Rosalía de Castro; Galician literature; Translation; Feminist literary criticism.

Recebido em: 10 de outubro de 2024.

Aceito em: 3 de dezembro de 2024.